

Fascismo e Modernismo: a atuação de Plínio Salgado na década de 1920¹

Fascism and modernism: the role of Plínio Salgado in the 1920s

*Gabriela Santi Pacheco*²

*Leandro Pereira Gonçalves*³

¹ A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Doutoranda em Estudos Contemporâneos no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20/UC). Mestra em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), e bacharela em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Secretária da Rede de investigação Direitas, História e Memória. E-mail: gabriela.pacheco@uc.pt.

³ Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com atuação no Programa de Pós-Graduação em História. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Pesquisador FAPEMIG. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com estágio, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e com pós-doutoramento pela Universidad Nacional de Córdoba (Centro de Estudios Avanzados/Argentina). Membro do Conselho Administrativo da International Association for Comparative Fascist Studies (ComFas). Investigador colaborador do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR/UCP) e Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) e Coordenador da Rede de Investigação, Direitas, História e Memória. E-mail: leandro.goncalves@ufff.br.

RESUMO

A década de 1920 foi marcada, no Brasil, por um período de transformações impulsionadas por um conjunto de fatores, internos e externos, que trazia preocupações aos homens da época, principalmente acerca dos rumos da nação. É em meio a esse contexto que as elites passam a estabelecer discussões sobre o moderno, desenvolvendo, assim, o movimento modernista brasileiro, cujo ápice ocorreu na Semana de Arte Moderna de 1922. Partindo da compreensão sobre a existência de uma associação entre modernismo e fascismo, objetiva-se, nesse artigo, analisar a atuação do líder da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado, no movimento modernista, a fim de entender as conexões do contexto com a elaboração do pensamento integralista.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo; Integralismo; Modernismo; Nacionalismo. Plínio Salgado.

ABSTRACT

In Brazil, the 1920s were a period of transformations driven by a set of internal and external factors that were sources of worry for the men of the time, mainly regarding the direction of the nation. Amidst this, the elites started to discuss the modern, leading to the creation of the Brazilian modernist movement, which reached its peak in the Modern Art Week of 1922. Based on the existence of an association between modernism and fascism, this article seeks to analyze the role of Brazilian Integralist Action leader Plínio Salgado in the modernist movement to understand the connections between this context and the development of integralist thought.

KEYWORDS: Fascism; Integralism; Modernism; Nationalism; Plínio Salgado.

No Brasil dos anos 1920, configurou-se um ambiente intelectual e político pautado pela necessidade de modernização da sociedade brasileira e, assim, discussões que permeavam o moderno passaram a ser estabelecidas. Com o objetivo de conduzir esse processo, os intelectuais voltaram suas preocupações para a busca das raízes genuinamente brasileiras, tendo como foco construir um ideal de brasilidade. Nesse contexto, a intelectualidade, agrupada no movimento modernista, colocou-se no cenário como “consciência iluminada nacional”. (VELLOSO, 2019, p.147-148)

Inicialmente, esse movimento, cuja marca central é a Semana de Arte Moderna de 1922⁴, buscava uma renovação no domínio da arte, tendo como objetivo captar a vida em movimento; no entanto, posteriormente, acabou adotando como eixo principal a brasilidade (OLIVEIRA, 2019, p. 327-328). Ou seja, por mais que o modernismo no Brasil tenha sido permeado pela manifestação cultural, não se caracterizou apenas dessa forma, sendo também uma contrária à política vigente, haja vista que a classe artística buscava formar uma nova civilização a partir da eliminação de qualquer tipo de influência estrangeira para formar uma cultura brasileira.

É nesse momento que Plínio Salgado, o principal líder do fascismo no Brasil, ascende no cenário intelectual e político e inicia o desenvolvimento de reflexões que o guiarão na composição da Ação Integralista Brasileira (AIB), a mais bem-sucedida organização fascista extraeuropeia.⁵ Entende-se, assim, que ocorreu uma conexão entre o modernismo e a fundação do integralismo:

⁴ O modernismo costuma ser relacionado à Semana de Arte Moderna de 1922, sendo considerado um movimento contrário à política vigente. No entanto, como aponta Velloso, existe a necessidade de repensar o moderno, reavaliando-se a “tradição de ruptura”. Para a autora, não ocorre uma ruptura brusca para se adentrar na modernidade, mas, sim, um processo de vínculos contínuos entre o pensamento dos intelectuais da geração de 1870 e da geração de 1920, ou seja, a modernidade apresentou sinais de “aparecimento” antes mesmo da Semana de Arte de 1922 (VELLOSO, 2018, p. 358-359).

⁵ Sobre AIB, cf. GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020.

Quando, na década de 20, Plínio Salgado aludia à nacionalidade, enquanto caminho imprescindível para alcançar a universalidade artística, o elemento particular nunca se banha de concretude histórica; é antes uma estratégia ideológica, cujo significado está sintonizado com a ideia totalitária (defendida com afinco alguns anos depois) da prevalência irreflexiva da nação. [...] Vemos, pois, que a axilogia irracionalista dos camisas-verdes já está plenamente configurada nos textos modernistas sobre a literatura dos anos 20. (VASCONCELLOS, 1979, p. 87)

Essa associação não se desenvolveu apenas no fascismo brasileiro. Apesar da aparente contradição, visto que o fascismo está amplamente associado a forças de reação e de fuga do “mundo moderno”, Roger Griffin argumenta que existe uma relação intrínseca entre o modernismo e os fascismos: “Esse gênero peculiar de projeto revolucionário de transformação da sociedade só poderia surgir nas primeiras décadas do século XX em uma sociedade permeada por metanarrativas modernistas de renovação cultural, que moldaram uma legião de atividades, iniciativas e movimentos ‘pelo chão’”. (GRIFFIN, 2007, p.6, tradução nossa)

Isso porque o fascismo, em suas variadas permutações, colocou-se no cenário não apenas com a proposta de mudar o sistema estatal, mas de purificar a civilização da decadência e, assim, promover o surgimento de uma nova raça de seres humanos definidos não a partir de categorias universais, mas essencialmente míticas nacionais e raciais. Dessa forma, as lideranças iniciaram sua tarefa no espírito iconoclasta de “destruição criativa”, legitimado não pela vontade divina, mas pela crença de que a própria história estava em um ponto de inflexão e que, dessa forma, poderia ser lançado um novo curso que redimiria a nação e resgataria o Ocidente do colapso iminente, por meio da intervenção humana. (GRIFFIN, 2007)

Assim, os fascismos, rejeitando os aspectos “decadentes” da

modernidade, empenharam-se em delinear projetos de Estado constituídos, dentre outras questões, a partir de elementos do modernismo, que foram transpostos para a economia, a tecnologia, as reformas legais e institucionais e a expansão nacional, tendo como questão central a criação do “homem novo”. Ou seja, havia no objetivo programático dos fascismos a criação de uma revitalização moderna da nação, partindo de um projeto que propunha o estabelecimento de uma nova estrutura política e o desenvolvimento de uma nova civilização, o que estava em consonância com o modernismo. Este, apesar de não rejeitar todos os aspectos da cultura e da sociedade tradicionais, pautou-se por um discurso em defesa da criação de uma nova síntese que interligasse aspectos clássicos com os novos ideais modernistas, objetivando um projeto moderno de novo mundo. (GRIFFIN, 2007)

À vista disso, partindo da percepção acerca da existência dessa associação entre modernismo e fascismo, objetiva-se analisar a atuação do líder da AIB, Plínio Salgado, no movimento modernista brasileiro, a fim de compreender as conexões do contexto modernista com a elaboração do pensamento integralista.

Plínio Salgado e o modernismo brasileiro: momento de consolidação intelectual

Nascido em 1895, na cidade de São Bento do Sapucaí, em uma família tradicional e conservadora que pertencia a uma elite cultural com considerável importância social e política no interior de São Paulo, Plínio Salgado cresceu em meio a influência de uma doutrina cristã e autoritária. Esse contexto em que viveu, pautado por um discurso autoritário vindo de seu pai e pela educação materna desenvolvida em torno da defesa dos valores do cristianismo, foi fundamental para o desenvolvimento das matrizes do pensamento pliniano,

expressas no movimento integralista.⁶

Entretanto, apesar de os elementos que viriam a compor o lema integralista “Deus, pátria e família” fazerem-se presentes já na gênese intelectual e moral de Salgado por meio de suas relações familiares, foi a sua mudança para a cidade de São Paulo que abriu caminhos para uma consolidação intelectual e política, possibilitando a fundação da AIB: com a chegada a capital paulista, passou a buscar espaços em grupos de relevância intelectual e, assim, alcançou importante participação no cenário modernista da década de 1920, abrindo caminho para a organização política em torno do integralismo brasileiro.

Essa inserção de Plínio Salgado no cenário paulistano, pautada pelos momentos iniciais de suas reflexões, foi acompanhada por um período de turbulência econômica de conotação política no Brasil. Isso porque o café, como grande elemento de sustentação da economia do país, guiava, em certa medida, a organização política. Dessa forma, estabelecia-se uma aliança entre as forças no comando da política nacional a fim de atender exclusivamente aos interesses dos grandes proprietários cafeeiros. Esse acordo, no entanto, não era marcado por harmonia: houve, entre os estados envolvidos na política oligárquica, uma série de divergências, que culminou, dentre outras questões, em uma das eleições mais competitivas da Primeira República no ano de 1922.

O período de disputa eleitoral, permeado pelo esgotamento paulatino do sistema oligárquico e, conseqüentemente, por uma série de mudanças econômicas, estimulou o surgimento de novos movimentos políticos, sociais e culturais: a eclosão do tenentismo, a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), a criação do Centro Dom Vital e a realização da Semana de Arte Moderna. É nesse contexto que São Paulo vive um processo de industrialização com considerável crescimento urbano, estabelecendo um avanço tecnológico e

⁶ Sobre Plínio Salgado, cf. GONÇALVES, 2018.

um pioneirismo em várias áreas, com reflexos na cultura, o que a tornou precursora na arte de contestação da cultura.

Essa irrupção cultural que ocorreu na capital paulista deu-se “com a baixa dos preços de café e a superprodução no setor, parte dos lucros passaram a ser aplicados na indústria e no aparelhamento urbano” (ALAMBERT, 1999, p. 14). Foi esse surto industrial em São Paulo que fundamentou o tom futurista do discurso dos artistas intelectuais, caracterizado pela defesa dos novos valores culturais na nova sociedade que estava presente no Brasil.

Sendo assim, desenvolveu-se, no Brasil da década de 1920, o modernismo: um forte movimento com o objetivo de eliminar da cultura brasileira qualquer tipo de influência estrangeira, que era coordenado pela classe artística e buscava, em defesa da nação brasileira, formar uma nova civilização. Isso porque havia, no período, uma discussão em torno da necessidade de romper com a influência da cultura europeia, de modo a criar uma escola estritamente nacional. Portanto, o modernismo apresentava-se como uma ruptura cultural; contudo, foi muito mais que apenas um movimento artístico, pois representou toda uma época na vida intelectual e política brasileira (ALAMBERT, 1999, p. 8). Entende-se, assim, que o modernismo compõe uma conjuntura, não havendo um momento que defina seu surgimento, apesar de ter sido expresso com intensidade na Semana de Arte Moderna de 1922.

Dessa forma, partindo da ideia de ruptura em relação à Europa como ponto culminante, o movimento representou uma espécie de independência cultural em relação ao exterior, além de ser contra o fragmento do país atrasado e rural, apresentando o nacionalismo enquanto principal bandeira⁷. Assim,

⁷ A natureza dos modernismos, segundo Roger Griffin, está relacionada a uma reação à condição da modernidade ocidental. Esse é um dos pontos que liga esses movimentos aos fascismos. Isso porque havia, por parte dos fascistas, uma recuperação, seguida de crítica, ao passado/presente, tendo em vista um futuro, que seria pautado por uma “nova civilização”. (GRIFFIN, 2007, p. 32-34)

nesse contexto, reuniram-se importantes grupos de intelectuais, que possuíam como ingrediente político e cultural a defesa da nacionalidade, por meio da chamada identidade nacional⁸. Essa intelectualidade, sob efeito de identidades distintas, estava engajada em projetos relacionados às suas concepções de sociedade brasileira e iniciava a busca do modelo ideal para o Brasil. Ou seja, a partir da década de 1920, criou-se uma nova concepção de civilização brasileira, por meio de um caminho constante, guiado pelos intelectuais, na formação de novos projetos e modelos de nação.

Os modernistas da década de 1920 buscavam a organização da ideia de nacionalidade a partir de modelos específicos de Estado e, apropriando-se de divergentes conceitos de nação, propunham novas perspectivas para o Brasil. Não se pode dizer, portanto, que o modernismo se organizava enquanto movimento homogêneo⁹. Havia, pois, certa diversidade ideológica: “a busca por uma definição cultural da dependência ideológica do movimento passou a ser respondida por diversos caminhos e, dessa forma, os modernistas se organizaram em grupos ideológicos e expressavam suas concepções em

⁸ Apesar de a ideia sobre a necessidade de constituir uma identidade nacional ser central, não havia, no panorama do pensamento político brasileiro, apenas um, mas vários nacionalismos em questão. Esses nacionalismos, defendidos por tantos naqueles tempos, aparentemente, teriam sido semelhantes, mas politicamente apresentavam diversas formas de planos e de modelos para o Estado, que estavam sendo forjados em concomitância – admitindo paradoxos e contradições – com os demais países do ocidente inseridos no processo de reordenação mundial do período entre guerra. Não se pode, portanto, falar em apenas um nacionalismo como concepção autônoma, mas sim em nacionalismos, no plural, que podem ser liberais, fascistas ou até mesmo nacionalistas. (AHMAD, 2002, p. 11)

⁹ O modernismo, não só no Brasil como na Europa, foi um movimento amplo: houve um processo pautado pelas manifestações artísticas, cujo objetivo era demonstrar revolta em relação a decadência que acompanhava o moderno ocidental, mas também ocorreu uma organização programática, permeada por movimentos de renovação social e política. Esse contexto englobou os mais variados grupos e forças políticas, tanto de esquerda como de direita, que se expressaram por meio do modernismo a fim de organizar movimentos sociais e políticos revolucionários: “[apresento] o modernismo como capaz tanto de colaborar com os movimentos sociopolíticos, como também de se expressar diretamente neles, sem mediação pela arte, sendo assim passível de manifestar-se nos valores e nas políticas da direita, não menos que da esquerda”. (GRIFFIN, 2007, p. 68, tradução nossa)

manifestos". (GONÇALVES, 2018, p. 119)

O primeiro desses manifestos foi o *Manifesto Pau-Brasil*, lançado por Oswald de Andrade em 1924, que buscava uma síntese capaz de unir o lado elitista da cultura ao popular (VELLOSO, 2018, p. 277). Apresentava-se, nele, uma definição de novos princípios para a poesia por meio de uma revisão cultural do Brasil com a valorização do elemento primitivo e defendia-se a assimilação do "inimigo" estrangeiro para fundi-lo à cultura nacional, buscando a produção de uma síntese dialética que teria como objetivo resolver as questões de dependência cultural. Esse manifesto rejeitava as formas cultas e convencionais da arte e defendia aspectos de uma independência mental vindos do espírito revolucionário de 1922, tendo como objetivo a busca de uma expressão que retratasse a sociedade brasileira contemporânea (ANDRADE, 1990, p.41-45). Já em 1928, o pensamento de Oswald foi radicalizado no *Manifesto Antropofágico*, ampliando e aprofundando a reflexão da brasilidade em busca da reconstituição da cultura nacional por meio da absorção da influência externa de maneira crítica, a fim de reelaborá-la. (VELLOSO, 2018, p. 377)

Em seguida, no ano de 1929, divulgou-se o *Manifesto do Verdeamarelismo*¹⁰. Nele, assim como nos manifestos anteriores, pode ser encontrado um discurso baseado no nacionalismo cultural e político, mas, por sua vez, inserido no contexto de ascensão dos movimentos totalitários europeus e, dessa maneira, inspirado nesses regimes em que o nacionalismo mostra sua ação de forma autoritária.

Um dos principais defensores desse manifesto era Plínio Salgado, que encontrou no grupo Verdeamarelo uma concepção de nacionalismo. Entretanto, em sua compreensão, era necessário aprofundar o debate, o que ocorre com a

¹⁰ O manifesto surge como consequência do discurso *A anta e a curupira* (1926), pronunciado por Plínio Salgado, e das ideias desenvolvidas por Salgado, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo em *O curupira e o carão* (1927), que pode ser considerada a principal obra do verdeamarelismo. (VASCONCELLOS, 1979; SALGADO, 1935a; SALGADO, 1927c)

fundação do grupo Anta. Com a sua fundação, há um rompimento de Salgado com os verdeamarelos e uma guinada rumo à radicalização do pensamento: era preciso, na visão do intelectual, criar a consciência da nacionalidade. O manifesto, seguindo da fundação do grupo, configura-se como uma espécie de “criador de pensamento”, pois é nesse momento que a gênese central da AIB começou a ser desenvolvida.

Ou seja, é em meio ao contexto de ruptura cultural no Brasil, cujo auge foi marcado pela Semana de Arte Moderna de 1922, que se desenvolvem os primeiros momentos do reformismo “modernista” e da consolidação do nacionalismo de Plínio Salgado, que seriam base para a elaboração dos ideais integralistas, culminando na fundação da AIB em 1932.

O nacionalismo literário de Plínio Salgado: direcionamentos ao integralismo brasileiro

No decorrer dos anos iniciais do movimento modernista no Brasil, Plínio Salgado era ainda um escritor sem grandes relações, principalmente se comparado aos grandes nomes que marcaram o período, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que tiveram atuação central, sobretudo na Semana de Arte Moderna de 1922. Entretanto, o contexto, os acontecimentos e a atuação no cenário paulista marcaram sua formação intelectual, sendo relevantes para sua consolidação no panorama nacional.

O ano de 1922 foi fundamental para Salgado no que diz respeito aos avanços culturais obtidos: ainda atuava de forma tímida, mas aos poucos, especialmente a partir dos contatos estabelecidos, estava entrando na rota da ascensão cultural por meio do caminho modernista, que passou a ser um passaporte para a saída do anonimato. Isso porque era ambicioso e sempre buscava as relações que pudessem promover o crescimento e a sua promoção

peçoal (TRINDADE, 1979, p. 40). Todo esse avanço, entretanto, ocorreu em torno dos preceitos políticos presentes em sua formação autodidata, por meio do ufanismo paterno e do cristianismo materno.

Durante a Semana de Arte Moderna, Plínio Salgado apresentou um texto denominado *Arte Brasileira*, congregando uma série de reflexões estabelecidas no período¹¹. Apresentou, em sua leitura, uma análise referente à necessidade de construir uma arte genuinamente nacional, o que era uma temática padrão entre os intelectuais da época, e colocou-a como uma confissão do pensamento autoral, sendo relevante a valorização nacional. (SALGADO, 1922)

Isso em decorrência do panorama da cultura brasileira do período, encabeçado pelos modernistas, que era pautado pela crítica, construída em torno da necessidade de criar o “novo”: a ideia dos modernistas era “procurar” o novo com experimentações, mas sem a desvinculação com o nacional. Essa experimentação, portanto, foi compactuada por Salgado, que, em seu texto exibido na Semana, disse: “Existe uma Arte Nova entre nós. Em que consiste? Pergunte-se aos físicos em que consiste a eletricidade... Efeitos certos de incertas causas”. (SALGADO, 1922)

Dessa forma, Plínio Salgado inseriu-se no meio cultural, sem, contudo, abolir suas pretensões políticas, pautadas pela busca de poder. Discorreu, em *Arte Brasileira*, sobre um ponto que viria a ser marcante na AIB: a busca da originalidade nacional. Para o autor, apenas a partir dela “brasileiros e sinceros, lograremos o ritmo universal. Volver as costas à Europa. Sentir e compreender o Brasil. Falar sinceramente”. (SALGADO, 1922)

Nesse texto, afirmou também que “Nossa arte não é patrioteira. Nem

¹¹ Além de *Arte Brasileira*, Plínio Salgado escreveu o *A poesia em São Paulo no ano do centenário da independência*, também discorrendo sobre o período. Entretanto, o texto foi arquivado pelo autor e publicados apenas em 1956, momento do lançamento das *Obras Completas*. Em 1922, ainda, dedicou-se a composição de alguns poemas, que tiveram pouca repercussão, à exceção de *O Eco*, poesia publicada originalmente, em novembro, no periódico modernista *Klaxon*.

mesmo no sentido político ou moral. Houvesse tal intenção, seria preferível a matrícula numa Linha de Tiro. O culto do país é uma consequência de processos inspirados num ideal muito mais superior e humano” (SALGADO, 1922) e, assim, explicitou determinadas bandeiras que passaram a estar presentes no integralismo na década seguinte, como a necessidade da construção de um componente filosófico e político com base no nacionalismo, que era vista na idealização da AIB.

Ademais, em *A poesia em São Paulo no ano do centenário da independência*, esboçado em 1922, analisou questões em torno do movimento modernista: no ensaio analítico referente à poesia paulista, Salgado questionou-se sobre a possibilidade de “[sermos] capazes de produzir uma grande arte, ou ela será afogada pelo utilitarismo do comércio, das indústrias e das finanças” (SALGADO, 1956a, p. 144). À vista disso, demonstrou uma preocupação em torno da necessidade de bloquear qualquer tipo de influência externa, principalmente financeira. Essas questões foram, uma década depois, transportadas para a AIB, sendo a busca da originalidade integral em torno da aversão ao estrangeiro uma das bases do pensamento integralista.

Logo, esse período no campo literário, em que o autor desenvolveu considerações que versavam sobre a temática nacionalista, faz-se extremamente relevante para a compreensão da política pliniana, haja vista seu reflexo na formação integralismo:

Para se entender o discurso integralista, é imprescindível a reflexão sobre a programação literária modernista. Isso por dois motivos essenciais: 1º) o movimento de 22, como assinalou Hégio Trindade, tem importância fundamental na formação política de Plínio Salgado; 2º) o peso do discurso no integralismo, ou seja, sua presunção de elaborar uma ‘teoria’ que iluminasse a ação política. (VASCONCELLOS, 1979, p. 81)

Ou seja, as reflexões sobre nacionalismo que Salgado elabora durante o

modernismo são centrais, visto que foi por meio desse elemento que o autor consolidou a organização do pensamento cultural posteriormente transportado para o nível político, por meio da AIB.

Ao longo desse ínterim, Plínio Salgado elaborou diversas obras de cunho literário. Em todas é possível verificar uma relação direta de dominação do pensamento coletivo, o que viria a refletir nos ideais integralistas. Em 1926, por exemplo, publicou sua primeira e principal composição ficcional intitulada *O estrangeiro*, cuja temática central era a crítica à sociedade brasileira nos primeiros anos do século XX, com o propósito de refletir sobre o modelo nacionalista a ser empregado no Brasil.

A obra, situada entre os anos de 1913 e 1923, foi considerada, na época do lançamento, inovadora e um sucesso de vendas. Grande parte da crítica literária, assim como o próprio autor, considerou-a uma expressão modernista tanto pela estética e organização textual como, e principalmente, pelo conteúdo nacionalista. Como pano de fundo, o romance apresenta um debate em relação ao papel do imigrante no crescimento da nação e, assim, pode-se encontrar toda a base do pensamento pliniano, que estava em processo de cristalização.

Neste romance, Plínio Salgado apresenta sua inquietude em relação aos caminhos que a sociedade brasileira estava tomando, não só com o processo de transformação agrária, como também com os primeiros surtos de indústrias no período próximo à Primeira Guerra Mundial, marcos de extrema importância para o autor:

Dali derivou-se nas duas correntes que se chocam nos velhos países: o imperialismo econômico e o imperialismo doutrinário; a expansão capitalista e a expansão política. Esses dois fenômenos, que regulam o ritmo da existência dos velhos povos, tendem a ampliar sua projeção até os países novos [...] Os países novos, como o Brasil, só se salvarão nesta era histórica, por uma grande capacidade de afirmação, de personalidade. [...] De 1914 para cá, a situação tornou-se outra e

vimos quanto estávamos deslocados de nós mesmos. Em 1919, após a Revolução Russa, nossa visão foi ainda mais nítida. Vimos, de um lado o imperialismo doutrinário de Moscou, estendendo seus tentáculos pela mentalidade universal e de outro, as diferentes expressões de imperialismos capitalistas. (SALGADO, 1956b, p.85-90)

Para ele, a urbanização não se configurava como o melhor caminho para o crescimento do Brasil, pois seria propulsora dos grandes males da sociedade – imperialismo econômico (liberalismo) e o imperialismo doutrinário (comunismo), promovendo a destruição da alma nacional: “A tendência das cidades é para a desnacionalização” (SALGADO, 1956b, p. 96). Partindo dessa perspectiva, Salgado elabora, em *O estrangeiro*, um discurso em defesa da prosperidade rural baseada em valores medievalistas, tendo em vista impedir o avanço dos problemas na sociedade brasileira: o romance é marcado, dentre outras questões, pela ideia de que as metrópoles poderiam imprimir uma influência negativa nas zonas interioranas, sendo o urbanismo um dos causadores do fim da nacionalidade. Ou seja, há uma defesa do universo rural enquanto símbolo da pureza nacional, sendo ele o sentido do Brasil conservador e cristão.

Assim sendo, é possível notar, em *O estrangeiro*, uma obra de reflexão sobre a nação brasileira e, dessa forma, faz-se presente um expressivo nacionalismo, que foi o componente central da inspiração para a organização da AIB. O próprio autor indicou, em diversos momentos, a centralidade da obra para o desenvolvimento de sua política: Em *Despertemos a nação!*, por exemplo, diz “O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo” (SALGADO, 1935b, p. 167), já em *Sentimentais* enuncia “Estava lançado, com ele, um grande movimento nacional, que mais tarde se corporificou na Ação Integralista Brasileira”. (SALGADO, 1956c, p. 373)

No discurso de 1922, apresentou preocupação em relação ao cosmopolitismo e seu sentido tecnológico, sendo visto como a expressão máxima de deturpação do nacionalismo:

Há uma relação muito mais notável do que se poderá crer entre a Arte e o Tempo em que ela é produzida. Tem-se confundido esta expressão 'tempo' com a indumentária e as coisas mais exteriores. Julgam muitos que o ser moderno exige cantar automóveis, aeroplanos, máquinas e prédios de cimento armado. Antes de mais nada: um modernista não deve ter por lema ser moderno. Seria uma preocupação subalterna nos domínios do pensamento. Passadismo. Entretanto, não se proíbem autor, aviões ou arranha-céus em nossa Arte. Isso é até interessante. Mas secundário. O essencial é apreender o 'espírito do Tempo'. (SALGADO, 1922)

Essa temática foi componente central na elaboração da AIB, estando presente desde o documento inaugural do movimento, o *Manifesto de Outubro de 1932*. Em 1933, por exemplo, o chefe integralista afirmou que o integralismo iria "Sufocar o cosmopolitismo, o esnobismo, as imitações dos costumes estrangeiros, o sibaritismo materialista das classes burguesas, ensinando-as a amar o Brasil, a cultuar a Pátria, pela razão ou pela força". (SALGADO, 1937, p. 132)

Em sequência, Plínio Salgado publicou outras obras literárias no período, como o conto *Fumaçadas de Gin: historieta inventada por Gonçalves sobre Gonçalves comparsa de um drama passionnal*, editado em 1927 na revista *Feira Literária*, em que busca firmar-se como um autor moderno e inovador. Além disso, nesse mesmo ano, escreveu uma coletânea de oito pequenos contos¹² intitulada *Discurso às estrelas*, que se caracterizavam pelo seu cunho cristão, com a utilização de metáforas para analisar a vida e o mundo, o que seria expresso também em

¹² *Discurso às estrelas* é composto pelos contos: *O sentimento da tragédia*, *Os bondes*, *os homens e a vida...*, *O drama mais velho do mundo*, *O desconhecido*, *Os deuses medíocres*, *Elogio de Sancho Pança*, *O sonho de bebê* e *O belo poema do Léxico*.

outras obras publicadas nos anos subsequentes. Dessa forma, por meio da evocação do anticosmopolitismo e de valores nacionalistas de concepção cristã em suas obras literárias, constituiu-se o pensamento político pliniano, que foi o sustentáculo para a elaboração doutrinária do integralismo brasileiro.

Verdeamarelismo e Anta: radicalização para o nacionalismo autoritário

A década de 1920 foi um período de afirmação, de amadurecimento e de organização política e cultural: um momento chave para o entendimento e a organização das ideias, de autorreflexão e principalmente de crescimento artístico perante a cultura política brasileira, o que serviu de base para o crescimento da AIB e de toda a doutrinação nacionalista brasileira a partir da década de 1930¹³. Isso ocorreu, principalmente, a partir do movimento Verdeamarelo e de sua extremização no grupo Anta, em que Plínio Salgado encontrou terreno fértil para o desenvolvimento de suas ideias mais radicalizantes.

O Verdeamarelismo, apesar de ter sua expressão máxima no manifesto de 1929, foi fundado em 1926. Foi a partir desse momento, com a formação desse grupo, que Salgado passou a integrar oficialmente a “tendência nacionalista” do modernismo brasileiro e, assim, criou uma série de questões em torno da nacionalidade que seria necessária para o Brasil, desenvolvendo uma espécie de aperfeiçoamento das ideias levantadas em 1922 e de radicalização por meio do grupo Anta, o que viria a refletir na ação prática do integralismo nos anos 1930:

¹³ Roger Griffin, ao apresentar as conexões dos fascismos com o modernismo, argumenta que o integralismo brasileiro apresenta uma das grandes sinergias com modernismo estético, social e político, sendo assim uma forte expressão dessa relação. (GRIFFIN, 2007, p. 356)

Não se pode também deixar de lembrar que, significativamente, um grupo modernista criará o verdeamarelismo como um movimento cultural e político e dele sairá tanto o apoio ao nacionalismo da ditadura Vargas (é o caso da obra do poeta prosador Cassiano Ricardo) com a versão brasileira do fascismo, a Ação Integralista Brasileira, cujo expoente é o romancista Plínio Salgado. (CHAUÍ, 2007, p. 35)

Esse movimento Verdeamarelo foi analisado por Plínio Salgado em uma conferência intitulada *A anta e o curupira*, que foi pronunciada no salão do jornal *Correio Paulistano* em 1926¹⁴ e passou a ser uma espécie de certidão de nascimento desse grupo. Nela, o autor afirmou que havia chegado o momento de “tomarmos uma resolução suprema”, em que deveriam revestir-se “da coragem de nos confessarmos brasileiros” (SALGADO, 1935a, p. 29). Isso porque, segundo ele,

Eximidos do que chamamos ‘os prejuízos do preconceito nacionalista’, eis-nos optando pelos prejuízos de arbítrios exteriores, puramente pessoais. Somos postos à venda, a retalhos, no bazar cosmopolita. Viramos a mercadoria que a ideia alheia vem comprar. [...] Escravos vendidos de mão em mão, exclamamos no impenitente romantismo das nossas atitudes antirromânticas: “eu sou um homem que procura”. (SALGADO, 1935a, p. 30)

Percebe-se, assim, que um nacionalismo de caráter fortemente anticosmopolita estava sendo gestado e era pautado, fundamentalmente, por um princípio de autonomia, que possibilitaria a criação de condições para a realização de uma revolução cultural (PRADO, 1983, p. 69-70):

Estamos em condições de criar uma arte brasileira, com elementos exclusivamente brasileiros. Não vejo em que nos sejam superiores os outros povos, sob qualquer aspecto. Do

¹⁴ A conferência foi publicada posteriormente, em 1935, em uma coletânea de textos que compunham o livro *Despertemos a nação!*

ponto de vista econômico, o que nós chamamos “as grandes potências” são o resultado do capricho geológico, que lhes pôs nas mãos o combustível numa fase da civilização em que a indústria não dispõe de outro elemento sucedâneo. Amanhã, quando os motores à explosão forem substituídos por pequenos acumuladores elétricos, e a eletricidade se tornar uma verdadeira revolução política, poderemos perguntar aos povos que possuíram o petróleo e a hulha [...] Está caindo angustiosamente uma noite sobre o mundo. Creio que da América Latina e, sobretudo, do Brasil, sairá o Dia Novo. E porque não há de sair? (SALGADO, 1935a, p. 33-34)

A defesa do aspecto político-cultural para o Brasil constituiu-se como um dos pontos de diferenciação em relação a outros grupos oriundos do movimento de 1922, uma vez que o centro da renovação deveria sair da origem brasileira. Para Salgado, era preciso conhecer a nação de uma forma totalizante e intensa, não apenas no sentido superficial dos valores culturais pré-determinados. Ou seja, a partir das reflexões desenvolvidas no modernismo acerca da busca por raízes nacionais, desenvolvia-se uma ideia central que tinha como propósito criar uma arte genuinamente brasileira. Dessa forma, colocava-se no movimento modernista uma contribuição de relevância, uma vez que foi nesse período que, para o autor, o Brasil foi redescoberto.

Nesse contexto, impulsionado por essas ideias e sob uma ótica mitológica e metafórica, divulgou-se a principal obra do movimento Verdeamarelo, *O curupira e o carão*, em que Plínio Salgado, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo delinearam a vitória do “curupira” sobre o “carão” a fim de anunciar “o verdeamarelismo como a melhor alternativa entre o extremismo de Mário e o perfil heresiarca de Oswald, na medida em que se propunha a defesa viva da alma e da paisagem da pátria”. (PRADO, 1983, p. 65)

Na coletânea publicada em 1927, as lideranças do Verdeamarelismo reuniram nove textos, que foram resultado de uma junção de ensaios escritos pelos autores entre 1922 e a data de publicação. Neles, afirma-se que

Encontramos a ideia de que a arte deveria se subordinar aos valores extra-estéticos, sobretudo aos imperativos nacionalistas. Sob esse ângulo, não é ousado afirmar que os verdeamarelos e os integralistas têm uma concepção ‘engajada’ da literatura. À semelhança dos intelectuais fascistas europeus, Plínio Salgado se preocupa com a ‘unificação espiritual’ da nacionalidade; todavia, ele (desde a época da programação literária verdeamarela) não parece ter concebido o país em termos estéticos, como fez o fascismo europeu. (VASCONCELLOS, 1979, p. 85)

Dos nove textos, quatro foram escritos por Plínio Salgado: *A revolução da Anta*, *Arte brasileira*, *Carta verdamarella* e *Conceito dinamico da arte*. Em *Arte brasileira*, apresentou uma versão, com mínima modificação, do que foi lido, em 1922, na Semana de Arte Moderna.

Já no capítulo *Carta Verdamarella*, escrito em forma de correspondência para Menotti del Picchia, o autor desenvolveu um lamento em relação a ausência, no Verdeamarelo, de uma “instituição” organizada por seus membros com o objetivo de ironizar os congêneres. Essa aversão aos elementos europeus era elemento recorrente em seus discursos. Sendo assim, no apelo que faz para excluir os valores externos do sistema cultural, Salgado retoma questões desenvolvidas desde 1922, o que é expresso também em *Conceito dinamico da Arte*, em que afirma: “Não nos serve nenhuma das fórmulas artísticas que a Europa nos mandou”. (SALGADO, 1927b, p. 104)

Por fim, em *A Revolução da Anta*, Plínio Salgado elaborou reflexões acerca da ramificação dos verdeamarelos, analisando, assim, um dos objetivos centrais do movimento Anta, que se tornaria expressão central do que fundamentaria o integralismo brasileiro:

Sem se criar o senso da nacionalidade, é impossível lançar o novo pensamento. Essa consciência nacional, temos de formá-la pela coordenação de ‘fatores comuns’ da raça em formação. [...] o movimento da Anta é mais de ação do que de pensamento. É uma guerra contra tudo o que, inculcando-se brasileiro, seja

essencialmente estrangeiro. (SALGADO,1927a, p. 96)

É possível observar, nesse discurso, elementos que estariam presentes posteriormente, nos anos 1930, na AIB, sendo assim considerada a prática dos fatores teorizados em torno do nacionalismo desenvolvido na década de 1920. Ademais, em 1928 foi publicado, na revista modernista *Festa*, o texto *O significado da Anta*¹⁵, cuja autoria pertencia a Plínio Salgado. Nele, em tom eloquente seguindo uma estética modernista, o autor legitima sua idealização conceituando o Anta como:

Guerra aos preconceitos raciais; guerra aos preconceitos culturais; guerra ao ceticismo, ao negativismo, à ironiazinha, ao desânimo. Anta representa, pois, um movimento de independência e afirmação [...] Na impossibilidade de criar uma arte e um novo sendo de vida para substituir a essas velharias, ou baldas, inventamos a Anta. Que é Anta? Nada. É nada e é tudo, porque é a morte de todos os preconceitos. (SALGADO, 1972, p. 284-287)

A sua composição nacionalista passou a ser mais evidente com o lançamento oficial do *Manifesto do Verdeamarelismo*, em 1929, e com a radicalização por meio do Anta:

O título deste manifesto foi dado pela *Revista do livro*, n.16, 1959, que transcreveu do *Correio Paulistano*, de 17 de maio de 1929. O jornal, ao noticiar o documento, é que o chamou de 'Nheengaçu da tribo verdeamarela', no que foi seguido pelos organizadores da revista. Além disso, o texto estava assinado por Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Alfredo Élis, Cassiano Ricardo e Cândido Mota Filho, nesta ordem e não como estava nas outras edições. (TELES, 2002, p. 361)

A temática nacionalista era cada vez mais visível e a consolidação do movimento integralista estava em processo de rápida construção. Nesse

¹⁵ SALGADO, Plínio. O significado da Anta. *Festa*, Rio de Janeiro, n. 4, p.13-14, jan., 1928.

manifesto, a noção do grupo era expressa: “Temos de construir essa grande nação, integrando na Pátria Comum todas as nossas expressões históricas, étnicas, sociais, religiosas e políticas. Pela força centrípeta do elemento tupi”. (SALGADO, 2002, p.364-365)

Foi em meio a esse processo, pautado pelas reflexões literárias desenvolvidas na década de 1920 e aliado às experiências europeias¹⁶, que ocorreu a consolidação das ideias integralistas. Isto é, a mescla das influências vindas dos debates políticos e culturais do período modernista foi um elemento central para o avanço do conservadorismo brasileiro e da liderança suprema de Plínio Salgado em torno do nacionalismo espiritualista¹⁷, o que culminou na criação da principal força fascista extraeuropeia, a AIB.

Considerações finais

Os anos de 1920 foram marcados, dentre outras questões, pelo modernismo, que teve seu ápice na Semana de Arte Moderna, desenvolvida em torno de uma concepção nacionalista. Esse momento contou com a presença de um grupo inovador, que encarou, por meio da ironia e/ou da gravidade, a forma de identificar o Brasil em um período de grandes mudanças mundiais. Após o evento, que pode ser considerado como “o ponto de partida para as conquistas expressionais da literatura brasileira neste século” (TELES, 2002, p. 277), a questão do nacionalismo tornou-se o ponto central para a maioria dos

¹⁶ Uma das características dos integralistas era deixar explícito o desejo da originalidade. Em diversos momentos, negavam relações políticas ou até mesmo inspirações, colocando a AIB como um movimento genuinamente brasileiro e de uma criação original, dando a entender que possuía o “marco zero”. Há, entretanto, conhecimento das múltiplas relações existentes no projeto político idealizado por Plínio Salgado, como o catolicismo social, a *Action Française*, o Integralismo Lusitano e a sedução que os “camisas-verdes” passaram a ter pelo fascismo italiano, principalmente a partir do modelo de Estado organizado em torno de um conceito autoritário e de uma prática corporativista nacionalista.

¹⁷ Sobre o nacionalismo integralista, cf. PACHECO, 2021.

intelectuais e artistas do período. A busca por uma definição da independência cultural do movimento passou a ser respondida por diversos caminhos, defendidos por figuras da intelectualidade do período.

Dentre elas, há Plínio Salgado, que utilizou as reflexões modernistas de autenticidade para auxiliar na elaboração do pensamento integralista e, conseqüentemente, na fundação da AIB. O líder do fascismo brasileiro ascendeu ao cenário intelectual e político dos anos 1920 no Brasil, momento em que se desenvolvia o modernismo, e, impulsionado pelos ideais modernistas, buscou elaborar um autêntico discurso nacionalista baseado no pensamento cristão espiritualista. Dessa forma, por meio de uma série de críticas políticas e culturais, Salgado defendeu a ideia de que a eliminação das mazelas da sociedade brasileira ocorreria pela ação espiritual e por meio de uma consciência nacional.

Apreende-se, dessa forma, que o discurso nacionalista, de cunho espiritual, desenvolvido pelo líder fascista durante os anos 1920, posteriormente aprimorado na década de 1930, pode ser identificado como uma especificidade do integralismo brasileiro em relação aos fascismos: “A fim de mostrar a autonomia do integralismo em relação aos fascismos europeus, os camisas-verdes apontavam a ‘maior dose de espiritualidade’, ou o ‘primado do espírito’, contido em sua doutrina” (VASCONCELLOS, 1979, p. 23). Essas temáticas, que versam sobre o nacionalismo e o espiritualismo e, gestadas por Plínio Salgado ainda durante seu crescimento em São Bento do Sapucaí, encontram fomento em São Paulo e fortalecem-se com o movimento cultural de 1922, sendo centrais para o desenvolvimento da AIB.

Ainda nos anos 1920, com forte conexão com o modernismo estético, social e político, os delineamentos teóricos que fundamentariam o projeto de Estado integralista a partir de 1932 começaram a ser elaborados. Plínio Salgado, ao explorar maneiras de implementar a metanarrativa totalizante, compôs um

programa marcado pela síntese única de raças, que seria pautada pela brasilidade, encenou elaborados ritos políticos de integração comunal e renovação orgânica e prenunciou a fundação de uma nova era (GRIFFIN, 2007). Isto é, compreende-se, assim, que o modernismo influenciou de forma significativa na elaboração dos ideais transpostos para o fascismo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMAD, Aijaz. **Linhagens do presente: ensaios**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2002.

ALAMBERT, Francisco. **A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil**. São Paulo: Scipione, 1999.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GRIFFIN, Roger. **Modernism and Fascism: The Sense of Beginning under Mussolini and Hitler**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
<https://doi.org/10.1057/9780230596122>

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. v. 2.

PACHECO, Gabriela Santi Ramos. **Panorama e o projeto integralista: uma análise da revista intelectual**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

PRADO, Antônio Arnoni. **1922 – itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a semana e o integralismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SALGADO, Plínio. et al. **Nhengaçu verde amarelo: Manifesto do verde-amarelismo ou da Escola da Anta**. In: TELES, Gilberto Mendonça (Org.) Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 361-367.

_____. **O significado da Anta**. In: BATISTA, Marta Rossetti; LOPEZ, Telê Porto Ancona, LIMA, Yone Soares (Org.). Brasil: 1º tempo modernista (1917-1929) – Documentação. São Paulo: IEB, 1972, p. 284-288.

_____. **A poesia em São Paulo no ano do centenário da independência**. In: SALGADO, Plínio. Obras completas: Críticas e Prefácios. São Paulo: Américas, 1956a. v. 19, p. 133-154.

_____. **Literatura e Política**. In: SALGADO, Plínio. Obras completas. São Paulo: Américas, 1956b. v. 19. p. 5-125.

_____. **Sentimentais**. In: SALGADO, Plínio. Obras completas. São Paulo: Américas, 1956c. v. 20. p. 247-373.

_____. **O que é o integralismo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1937.

_____. **A anta e o curupira: considerações sobre a literatura moderna**. In: SALGADO, Plínio. Despertemos a nação! Rio de Janeiro: José Olympio, 1935a.

_____. **Despertemos a Nação!** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935b.

_____. **O significado da Anta**. Festa, Rio de Janeiro, n. 4, p.13-14, jan., 1928.

_____. **A revolução da Anta**. In: SALGADO, Plínio; PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. O curupira e o carão. São Paulo: Helios, 1927a.

_____. **Conceito dinamico da Arte**. In: SALGADO, Plínio; PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. O curupira e o carão. São Paulo: Helios, 1927b.

_____. **O curupira e o carão**. São Paulo: Hélios, 1927c.

_____. **Arte brasileira, 1922** (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/Fundo Plínio Salgado-006.004.003).

TELES, Gilberto Mendonça (Org.). **Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRINDADE, Héliogio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. 2. ed. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira: análise do discurso integralista**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultura no Estado Novo**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019. v. 2. p. 139-171.

_____. **O modernismo e a questão nacional**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. v. 1. p. 337-371.

Recebido em Maio de 2022.

Aprovado em Junho de 2022.